

A Representação Social da Maconha no Jornalismo Brasileiro: Análise da Cobertura do Portal G1

The Social Representation of Marijuana in Brazilian Journalism: Analysis of The Coverage of Portal G1

Barbara Alinne F. Assumpção¹

Submetido em: 23/12/2022
Aprovado em: 26/12/2022
Publicado em: 27/12/2022
DOI 10.51473/rcmos.v2i2.464

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre a empregabilidade das palavras “maconha” e “cannabis” em matérias selecionadas do portal de notícias G1 em 2022. O corpus desta pesquisa consiste em 31 matérias extraídas do portal de notícias G1, utilizando as seguintes palavras-chaves para busca: “maconha G1” e “cannabis G1”. A investigação buscou compreender o contexto por trás do uso do termo “maconha” e do termo “cannabis” em matérias selecionadas. O estudo traz contribuições para o jornalismo por meio da observação sobre de notícias jornalísticas, apontando suas influências na construção da representação social relacionada à erva na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Representação social. Maconha. Cannabis. Jornalismo. Portal G1.

ABSTRACT

This research presents a study on the employability of the world’s “marijuana” and “cannabis” in selected articles from the G1 news portal in 2022. The corpus of this research consists of 31 articles extracted from the G1 news portal, using the following keywords for search: “marijuana G1” and “cannabis G1”. The investigation sought to understand the context behind the use of the term “marijuana” and the term “cannabis” in selected subjects. The study brings contributions to journalism through the observation of journalistic news, pointing out its influences in the construction of social representation related to the herb in Brazilian society.

Keywords: Social representation. Marijuana. Cannabis. Journalism. Portal G1.

1 INTRODUÇÃO

Muitos países têm ao longo dos anos reavaliado sua política de drogas, como alternativa ao fracasso da perspectiva proibicionista. A exemplo do modelo do Uruguai, que em 2013, tornou-se o primeiro país no mundo a legalizar o comércio de maconha, regulamentando a produção, a distribuição e a venda da planta e de seus derivados.

Há outros exemplos, como o de Portugal, que desde 2001 descriminalizou o consumo medicinal e recreativo de cannabis, e assentou todo o uso problemático de drogas sob seu sistema de saúde. No país, a quantidade legal para consumo próprio é de 25 gramas, ocasionando o exemplo como o mais próximo à realidade brasileira, tendo em vista que o número de consumidores não aumentou, entendendo assim que a medida ecoou de maneira positiva (hagenbuch, 2014).

Nos Estados Unidos, desde 1996, tem acontecido várias experimentações de políticas alternativas para lidar com as drogas, sendo Colorado e Washington os Estados onde a erva foi regulamentada para fins recreativos e outros 22 Estados possuem leis que permitem uso de maconha por prescrição médica (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2014).

1 Em Turim, na Itália, foi aprovada pela Assembleia Geral, em 2014, um projeto que regulamenta a produção e venda de maconha para fins recreativos, tornando-se a primeira das grandes cidades italianas a aprovar a legalização da maconha.

Em 2015, o Canadá pôs fim a um período de 10 anos de um governo conservador e uma das principais mudanças foi a legalização da maconha com a política defendida pelo Partido Liberal, pelo qual se elegeu o novo primeiro-ministro.

¹ Graduação em Comunicação Social – Jornalismo. Maestría en Educación de Atlantic International University

Na Croácia, em 2015, a maconha foi legalizada para fins medicinais, sendo proibido o plantio e cultivo doméstico da planta, e liberados apenas pacientes cadastrados para receber do governo.

A legalização da maconha nos países citados, ocorreu de forma lenta com um contexto específico, e da mesma forma, as políticas proibicionistas, ainda vigentes em alguns países, contam com circunstâncias históricas particulares.

Deste modo, segue a importância de analisar a construção da representação social dos termos “maconha” e “cannabis” em notícias do portal G1, selecionando matérias publicadas no ano de 2022.

Diante do corpus analisado, busca-se responder: como se dá a construção da representação social a partir de notícias envolvendo as palavras “maconha” e “cannabis” em meios de comunicação de massa?

A relevância desta análise está na sua contribuição para vários campos do saber, sobretudo, para o âmbito jornalístico, possibilitando a compreensão da construção da representação da maconha no discurso reproduzido pelo jornalismo brasileiro.

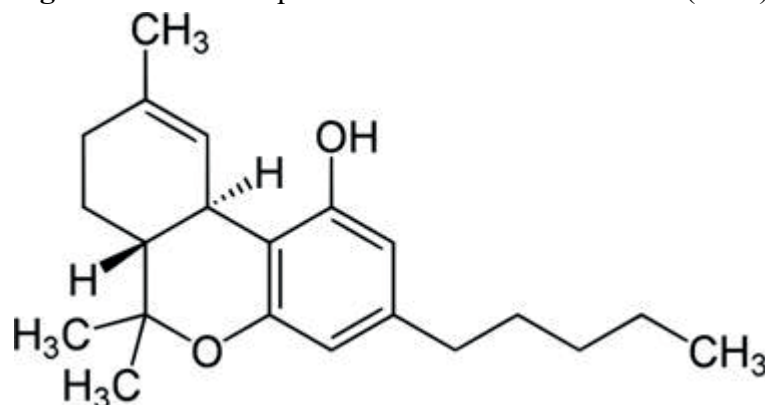
2. MARCO TEÓRICO

2.1 Composição química da maconha

A *Cannabis sativa* é uma planta herbácea da família Moraceae, nativa da Índia, podendo alcançar cinco metros de altura. Seu fruto é amarelo esverdeado, com polpa ácida que alimenta algumas espécies de aves (MORAES, 2016).

Ela possui mais de quatrocentas substâncias químicas, tendo como principal componente ativo o THC (tetrahydrocannabinol) (Figura 1), composto da família dos fenóis, responsável pelas decorrências alucinógenas ao alterar a atividade cerebral da pessoa, fazendo com que se tenha a percepção de tempo e espaço diminuída (FOGAÇA, 2016).

Figura 1–Estrutura química do Tetrahydrocannabinol (THC)



Fonte: Fogaça (2016)

O THC concentra-se nas flores e resinas, sendo isolado pela primeira vez por Raphael Mechoulam, Yechiel Gazoni e Habib Edery, em 1964, ao extrair THC do haxixe com éter de petróleo. O princípio ativo permanece no sangue por oito dias e se nesse intervalo for usada novamente a concentração de THC aumenta e os efeitos são mais intensos (FOGAÇA, 2016).

Na medicina, o THC é usado em pacientes com câncer para tratamento de ânsia de vômito e em pacientes com glaucoma para redução da pressão ocular (FOGAÇA, 2016).

Outra substância encontrada na maconha é o CBD (canabidiol) que não é alucinógeno, sendo usado em estudos para tratamento de células cancerosas, dor crônica, diabetes e outros (BOACONHA BRASIL, 2014).

2

2.1 Representações sociais do usuário de maconha

As representações sociais são elementos característicos da expressão humana calcadas na experiência dos sujeitos que as emitem. Ao usuário de cannabis, além dos aspectos que o expõem como criminoso, há outras representações que surgem do ideário cientificista de uma coletividade tecnocrata e organizada em torno do capital.

A maconha, nesse contexto, é considerada uma ameaça à sociedade tecnocrata, tendo o discurso médico como reforço para essa representação social quando traz aspectos científicos sobre os efeitos da planta no desenvolvimento do raciocínio do usuário.

Pode-se dizer que as representações sociais são repletas de construções históricas que colocou a cannabis como um elemento associado ao crime, tendo em vista que os valores principais ocidentais são o racionalismo no tempo e no trabalho e a cannabis subverte esses valores e não propõe sua busca (PAULINO, 2021).

Felix (2021) considera a maconha como um objeto social com vários sentidos e embora seu uso seja associado à dependência química, estudos longitudinais não corroboram com essa relação.

A cannabis afeta o hipocampo, responsável pela memória de curto prazo, todavia, o usuário não fica mais ou menos inteligente sob o efeito da erva, mas torna-se mais propenso para determinadas atividades em detrimento da execução de outras e como a cannabis interage com a atividade cerebral, seu uso transforma-se em uma transgressão às normas do racionalismo (BURGIERMAN, 2002, p.17).

Assim, na medicina, as representações afirmam que a cannabis afeta a noção do tempo transcorrido, tendo a memória de curto prazo afetada e conseqüentemente, o referencial para a mensuração do tempo perdido (BURGIERMAN, 2002, p.16).

2.3 A relação do ser humano com a maconha

Burgierman (2002) menciona que a maconha tem origem na Ásia Central, tornando-se a primeira planta cultivada para obtenção de fibra vegetal. Somente após centenas de anos é que o algodão foi introduzido na Índia e o linho no Mediterrâneo.

Chegou a ser usada na China, como moeda de troca e usada no Vale de Henan, para pagar impostos aos governantes. Como provas arqueológicas, cita-se o primeiro registro, uma porcelana, marcada com corda de cânhamo, encontrada em um sítio arqueológico do período neolítico chinês, datado de 10.000 a.C. (ROBINSON, 1999).

Da Ásia Central, a maconha alastrou-se para a Europa Ocidental, para a África até chegar nas Américas, onde encarou problemas com a lei, na virada do século XIX para o século XX.

Até o século XIX, a Europa utilizava pouca quantidade de cannabis como uso recreativo, isso porque seu cultivo se voltava para fibras no caule, privilegiando plantas com maiores índices de THC (BURGIERMAN, 2002, p.18).

Durante a década de 1970, houve um considerável aumento do consumo de drogas, principalmente para os EUA com a heroína e a maconha em seu território, fazendo com que fosse criada uma política de repressão total às drogas, afirmando estas como “inimigos internos” do Estado. Sendo assim, para os EUA também havia os inimigos externos, que seriam os países e continentes produtores da droga consumida no mundo como na América do norte, no Oriente e na América Latina (SALO, 2016).

No país, mais de 27 dos 50 estados criminalizam a posse ou porte de maconha para consumo pessoal, defendendo que deva ser uma convergência pela representatividade política americana no cenário mundial.

Com a popularização do movimento hippie e do psicodelismo, a maconha entre jovens de média e alta camada social ficou cada vez mais difundida, abatendo as tradicionais barreiras quanto ao consumo de cannabis. Seu uso passou a ser considerado uma via contestatória perante a coerção ocidental (PEREIRA, 1986, p.34).

Com isso, as campanhas antidrogas passaram a colocar a imagem do usuário de cannabis como um perdedor, em desajuste social e desmotivado. Os debates em torno das penas por uso de drogas passaram a ganhar destaque em toda a sociedade, incluindo as autoridades e se tornando pauta dos meios de comunicação. Enquanto usuários da erva sofriam punições severas, seu consumo não diminuía, assim, em 1970, a Lei das Substâncias Controladas, foi aprovada pelo congresso, prevendo a redução da pena por porte de drogas e a eliminação das penas mínimas obrigatórias (PEREIRA, 1986).

Dois anos depois, o então presidente Nixon, reuniu um comitê de pesquisa para realizar um estudo sobre a cannabis produzida nos EUA e suas conclusões foram divulgadas por um relatório que considerava que a posse de pequena quantidade de maconha para uso particular não constituía em um ato criminoso; que a polícia se valia das leis existentes para dirigir uma perseguição e detenção dos indivíduos em razão de sua posição política, sua cor de pele, seu corte de cabelo e suas vestimentas; os esforços e os custos altos empreendidos na aplicação da lei de repressão à cannabis dissimulava “qualquer valor que ela pudesse ter”.

Mesmo com as recomendações do comitê, em 1973, Nixon declarou guerra contra as drogas junto com o DEA (Drug Enforcement Administration), que reunia divisões existente de combate às drogas, tendo

mais de quatro mil funcionários com o poder de grampear telefones, invadir residências sem mandado judicial e colocar cidadãos sob investigação.

No cinema, o tema da maconha foi colocado em pauta entre os anos de 1960 e 1970 pela contracultura que foi um fenômeno histórico que marcou essas duas décadas nos Estados Unidos, conhecido pelo movimento hippie, pelo Rock'n Roll, pelas viagens "On The Road", por uma busca espiritual voltada ao orientalismo, pela prática do amor livre e, o uso de drogas, como LSD e a maconha.

Esse período influenciou jovens de vários países, principalmente da Europa e da América Latina na busca pela construção de novas experiências e como forma de demonstrar insatisfação com a cultura vigente.

No cerne religioso, a cannabis também merece destaque. Na Índia, por exemplo, o Deus hindu Shiva tem a maconha como seu alimento preferido e na corrente *mahayana*, Buda teria descoberto o caminho para o equilíbrio se alimentando, durante seis anos, de uma semente de cannabis por dia (ROBINSON, 1999, p.53).

Entre os rastafáris jamaicanos, a cannabis era empregada para fins religiosos para busca da cura à nação, sendo a erva considerada como a "semente da sabedoria". O ato de fumar cannabis para eles é um ritual que purifica corpo e mente e um meio de elevar a fé em Jah, o Deus rastafári (ROBINSON, 1999, p.53).

No Brasil, a maconha esteve associada às religiões afro-brasileiras que a consideram uma planta mística e seu consumo era feito por entidades espirituais incorporadas nos religiosos que a fumavam misturada com tabaco (DÓRIA, 1986, p.26).

Deste modo, considera-se a representação social como construção histórica, produzida por pessoas que traduziram por meio da realidade, novos conceitos e o usuário da maconha se torna um criminoso, doente e viciado (FRANCO, 2004, p.171).

2.4 A política de drogas no Brasil

O modelo de política proibicionista foi adotado por muitos países após a Convenção Única de Entorpecentes, em 1961. No Brasil, desde a chegada dos portugueses a cannabis era considerada um símbolo de riqueza, por exemplo, em 1783, Portugal alojou no Brasil a "*Real Benfeitoria de Linho Cânhamo*" para atender a demanda internacional de produtos feitos com base nesta fibra. As primeiras fazendas foram acomodadas no sul do país e depois houve financiamento da Coroa para plantio de cannabis no Pará, Amazonas, Maranhão, Bahia e no Rio de Janeiro (CARNEIRO, 2005, p.17).

A cannabis no Brasil tem origem com a chegada dos colonizadores que a consideravam uma planta exótica, sendo consumida em forma de fumo por negros escravizados e em seguida cultivada por indígenas nativos.

Para Marques (2021), a repressão da Cannabis está enraizada à proibição dos hábitos de negros e pobres, sendo considerada uma criminalização racista. O autor cita como exemplo, os cigarros Grimault feitos com Cannabis Indica, que entre os anos de 1860 e 1920 eram vendidos no Brasil como tratamento para problemas respiratórios, insônia e tuberculose, sendo constantemente pauta dos jornais da época.

A partir de 1950, com o advento dos meios de comunicação, a maconha passou a ser ainda mais associada à delinquência, sendo estimulado o estigma. Na década de 1960, seu uso ganhou novos significados, sendo associado a um estilo de vida alternativo, chegando até a classe média urbana e marcado por movimentos como a Marcha da Maconha, que tem como objetivo realizar uma manifestação pacífica em prol da legalização da cannabis (FELIX, 2021).

Em 2011, o programa Fantástico, da Rede Globo, chegou a televisionar uma enquete sobre a regulamentação da maconha no Brasil, tendo a maioria dos votos favoráveis (MARQUES, 2021).

No Brasil, a Cannabis é proibida pela Lei de Drogas nº 11.343/2006 e seu uso medicinal entrou no rol de debates em 2014, quando uma encomenda internacional foi apreendida pela alfândega por conter óleo de Cannabis (CBD). Tratava-se do caso de uma criança, que foi a primeira paciente brasileira a fazer uso legal da Cannabis, com autorização judicial para importação do óleo, fazendo com que fosse criado movimento pela legalização da Cannabis medicinal no país (MARQUES, 2021).

Deste modo, o uso medicinal da Cannabis sativa vem desde 2014, sendo discutida e pesquisas como de Carvalho, et al., (2020), corroboraram os benefícios do canabidiol (CBD) e o tetraidrocanabinol (THC) no tratamento de várias doenças (RODRIGUES; LOPES; MOURÃO, 2021).

Ainda assim, a política de drogas vigente no país (Lei nº 11.343/2006) e pelo Sistema Antidrogas instituído pelo Decreto nº5.912/2006, proíbe o uso da cannabis e seus derivados, abrangendo plantio, cultura, colheita e a exploração.

Em 2015, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) regulamentou apenas a importação do

canabidiol e em 2019 a produção e comercialização de medicamentos à base da planta, excluindo a liberação do uso recreativo (RODRIGUES; LOPES; MOURÃO, 2021).

2.5 A influência das notícias jornalísticas no cotidiano da sociedade

Notícias voltadas para o crime despertam a curiosidade na população e a mídia costuma explorar essa fragilidade humana estimulando a sensação de insegurança. A curiosidade pela narração de crimes acaba sendo uma das causas da nova cultura de violência, que acaba parecendo que faz parte do cotidiano (BAYER, 2013).

Pode a mídia ser considerada uma causadora da proliferação do medo na sociedade a partir de um aglomerado de imagens que a televisão transmite todos os dias para os lares familiares, sem que as pessoas sequer questionem a real veracidade dos fatos.

Vale ressaltar que o sensacionalismo estimula a violência devido a banalização a que os fenômenos da criminalidade são submetidos e porque os criminosos se tornam pessoas públicas de destaque, mesmo que de forma negativa (BARROS, 2015).

Para o autor, a manipulação intencional das emoções do público tem como objetivo formar a opinião, baseada em seus interesses, desencadeada pela imprensa sensacionalista. Existem argumentos por parte da imprensa que apenas transmitem a notícia dentro da realidade. Dependendo da forma em que a notícia foi transmitida, correta e neutra, não causa danos sociais.

Diante dos fatos, entende-se que o trabalho do jornalista deve ser quantitativo e qualificativo para que possa dar audiência. Com isso se vende mais, ou seja, a audiência aumenta, os jornais e revistas vendem mais exemplares e os acessos à internet são inúmeros. Portanto, o mundo gira em torno da notícia e do dinheiro, e que ambos devem trabalhar com responsabilidade.

3 MÉTODO

3.1 Fontes

Foram analisadas 31 matérias de um portal de grande relevância nacional – o G1. O Portal G1 tem como editora-chefe Cláudia Croitor, está no ar desde 2006 com o compromisso de levar notícias em tempo real com credibilidade e precisão, 24 horas por dia. Os sites afiliados ao G1 têm as mesmas seções e editorias e insere o seu conteúdo através do sistema CMA. Os vídeos são alocados em um sistema patenteado pela Rede Globo, o Ecoding Factory (EF) (FERREIRA, 2022).

3.2 Procedimentos de Coleta

Foram coletadas matérias que tinham as palavras “maconha” e “cannabis” como ponto central, publicadas durante o ano de 2022. A coleta do material foi realizada em meio digital, através de buscas em bancos de dados do jornal e restringiu-se às publicações que citavam no título um dos seguintes descritores: maconha e *cannabis*.

3.3 Procedimentos de Análise

O processo metodológico desta pesquisa consistiu-se em um levantamento bibliográfico de produções científicas, publicadas sobre os temas levantados neste estudo.

Quanto ao objeto desta pesquisa, foi selecionado o portal de notícias G1 (on-line), do Grupo Globo – maior conglomerado midiático do Brasil e da América Latina.

O recorte temporal das matérias (corpus) selecionadas para análise de notícias foi de janeiro a dezembro de 2022, tendo o buscador de notícias do g1 como fonte de pesquisa, usando as seguintes palavras-chave: “maconha G1” e “cannabis G1”.

Após a verificação de notícias relacionadas com a temática, foram coletadas 31 notícias, dentro do espaço temporal. Matérias que continham em suas manchetes outras substâncias entorpecentes e/ou psicótropas além da maconha foram excluídas.

A pesquisa não tem como objetivo fazer juízos de valor dos sujeitos pertencentes às notícias. Buscou-se distinguir como o emprego dos vocábulos “maconha” e “cannabis” presente em tais matérias contribuiu para a construção da representação social com conotação positiva ou negativa da maconha no Brasil.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A Representação Social da maconha na mídia brasileira através de notícias do Portal G1

Observou-se no corpus, dentre as 31 notícias analisadas, a predominância da utilização da palavra “maconha” em comparação com a palavra “Cannabis”.

Tabela 1 – Seleção Lexical em Matérias

Léxico	Quantidade
Maconha	16
Cannabis	15
Total	31

Fonte: dados da pesquisa, adaptado de Gomes (2021)

Dentre as trinta e uma notícias organizadas e subdivididas em duas categorias – uso medicinal e a criminalização da maconha –, nota-se uma diferença na empregabilidade lexical.

Apenas em uma matéria foi utilizado o termo “maconha medicinal” para apresentar seu impacto em tratamentos medicinais.

A mudança lexical altera o significado das palavras, podendo ser constatado nas matérias analisadas quanto a empregabilidade dos vocábulos “maconha” e “cannabis”. Compreende-se, que a utilização da palavra ‘Cannabis’ causa um maior assentimento entre os leitores, ao contrário da palavra ‘maconha’, que é estigmatizada e com uma maior empregabilidade em notícias relacionadas ao crime.

Tabela 2 – Conotação discursiva em Matérias

Vocábulo	Matéria	Conotação
Maconha	Crime	Negativa
Cannabis	Medicinal	Positiva

Fonte: dados da pesquisa, adaptado de Gomes (2021)

As matérias selecionadas para formarem o corpus desta pesquisa foram divididas em duas categorias, sendo elas “criminalização” e “uso medicinal”.

Categoria 1: Criminalização

O conteúdo encontrado nesta categoria apresenta a relação direta entre a maconha e o crime. A maconha é aqui situada com palavras que denotam uma mercadoria ilegal, cultivada por criminosos, como exemplificado a seguir:

•24 de agosto de 2022

Em 24 de agosto de 2022, foi noticiado que uma plantação de Skank foi encontrada pela polícia na Zona Norte do Rio, enfatizando que as plantas contavam com luz de LED, irrigação e medição constante, resultando em uma prisão em flagrante e procura por um engenheiro químico que não estava no local.



Polícia encontra plantação de skank dentro de uma casa em Pradópolis.

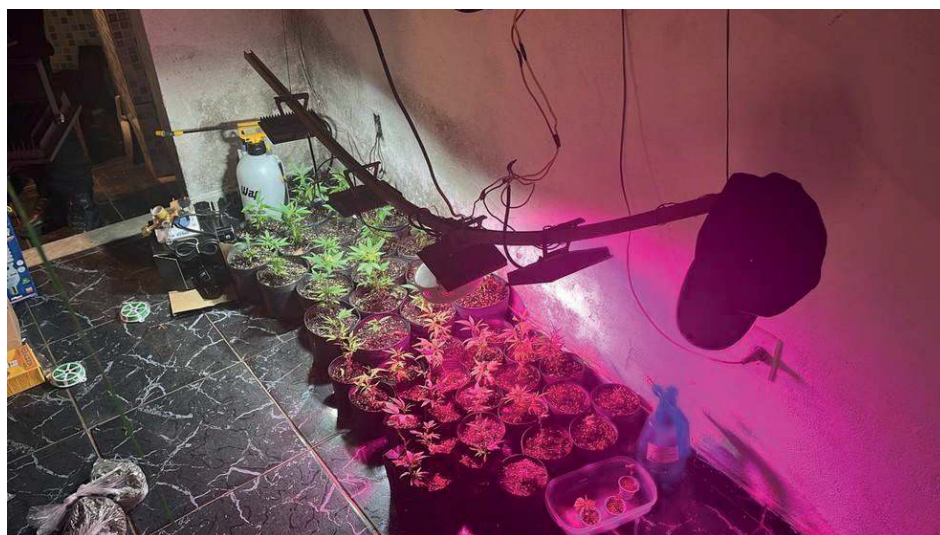
A Polícia Civil do RJ encontrou na manhã desta quarta-feira (24) uma **plantação de skank** dentro de uma casa em Pradópolis, na Zona Norte do Rio.

Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/08/24/policia-encontra-plantacao-de-skank-em-casa-na-zona-norte-do-rio.ghtml>

•15 de dezembro de 2022

Com a manchete intitulada “Polícia encontra estufa de maconha de facção criminosa no Alto da Boa Vista”, o G1 noticiou em 15 de dezembro de 2022, que policiais localizaram e desmontaram uma estufa de maconha em uma casa no Alto da Boa Vista. A matéria enfatiza os termos “criminosos” e “facção criminosa” ao longo de todo o texto.

“Dentro da casa, os PMs encontraram dezenas de mudas de maconha e uma estrutura preparada para a produção da droga. Os criminosos utilizavam um sistema de refrigeração e ventilação no local”.



Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/12/15/policia-encontra-estufa-de-maconha-de-facciao-criminosa-no-alto-da-boa-vista.ghtml>

•24 de dezembro de 2022

Em 24 de dezembro de 2022, o g1 noticiou que a polícia militar apreendeu 730 pés de maconha, em Guaratuba, no litoral do Paraná, após uma denúncia anônima. A matéria destacava que uma estufa também funcionava como laboratório, resultando na prisão de três pessoas. Um dos acusados afirmou que cultivava a planta para fornecer à uma associação de tratamento com cannabis.



Plântulas de 730 dias com cultivo em Guaratuba - Foto: P&G/REUTERS

Fonte: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/12/24/pm-apreende-730-pes-de-maconha-em-guaratuba-tres-suspeitos-foram-presos.ghtml>

Categoria 2: Uso medicinal

Essa categoria reúne as formas de discurso da saúde e do uso terapêutico da maconha. Estão incluídas as matérias que trazem resultados de pesquisas no âmbito da ciência e da saúde. O conteúdo se relaciona aos efeitos terapêuticos do uso da maconha, ancorado no conhecimento científico, o que favorece a inserção da planta no âmbito da saúde.

É preciso observar que o vocábulo “cannabis” faz referências diretas ao uso medicinal da droga, dando ênfase a sua condição legal. Enquanto a palavra “maconha” é empregada em discursos voltados para a criminalização. Nesse sentido, a maconha é aqui classificada como *cannabis*, em referência à nomenclatura taxonômica da planta na biologia, como elucidado a seguir:

•03 de agosto de 2022

O Programa Profissão Repórter apresentou histórias de pessoas que fazem uso da Cannabis medicinal, com a seguinte retranscrição:

“Desmistificar para tratar: conhecida pela propriedade terapêutica, a erva tem sido utilizada no tratamento de doenças de difícil controle, como autismo e epilepsia”.



Fonte: <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/08/03/profissao-reporter-mostra-as-historias-de-quem-vem-optando-pelo-uso-da-cannabis-medicinal.ghtml>

•19 de dezembro de 2022

8

O Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, noticiou que a Anvisa autorizou a Universidade Federal do Rio Grande do Norte a importar, armazenar e cultivar sementes da cannabis, desde que obedecidos critérios de segurança para realização de pesquisas científicas.

A matéria destacou os critérios de segurança exigidos:

O plantio deverá ser em ambiente fechado, com acesso controlado de pessoas registradas; Todo o local será monitorado por vídeo, com vigilância armada em tempo integral.



Fonte: Jornal Nacional, G1 (2022).

•19 de dezembro de 2022

Em 19 de dezembro de 2022, uma notícia veiculada pelo Programa Fantástico e veiculada no Portal g1, apontou o impacto do uso da maconha medicinal na vida de quem depende de tratamentos caros com a seguinte retranscrição:

“STJ permitiu que três brasileiros plantem maconha para fins medicinais, e o Fantástico conversou com pesquisadores e com um dos pacientes que receberam a autorização”.



Fonte: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/06/19/entenda-o-impacto-do-uso-da-maconha-medicinal-na-vida-de-quem-depender-de-tratamentos-caros.ghtml>

CONCLUSÃO

Diante dos resultados encontrados, podemos chegar às seguintes considerações:

- Os resultados trabalhados parecem apontar para a construção da maconha, em dois universos de discurso: o crime e o uso medicinal.
- Notou-se o uso das palavras ‘maconha’ e ‘cannabis’ em assuntos distintos, concluindo que matérias com conotações negativas usam o termo “maconha” e por sua vez, as matérias de cunho medicinal e científico utilizavam a palavra “cannabis”.
- Cria-se um pânico por meio de reportagens utilizando o vocábulo “maconha” com representações sociais que levam o público a exigir cada vez mais políticas antidrogas mais enérgicas.
- A construção da representação social da palavra “maconha” na mídia possui conotação negativa, enquanto o emprego de “cannabis”, traz uma conotação positiva, induzindo ao leitor a aceitação medicinal e recusa ao uso recreativo da planta.

9

REFERÊNCIAS

BARROS, I. L. Comunicação não violenta como perspectiva para a paz. **Ideias & Inovação**. Aracaju. V. 2. N.3. p. 67-76. set. 2015.

BAYER, Diego Augusto. **A Mídia, a reprodução do medo e a influência da política criminal**. In. Controvérsias Criminais: Estudos de Direito Penal, Processo Penal e Criminologia. Jaraguá do Sul. Letras e Conceitos. 2013.

BOACONHA BRASIL. **Os produtos químicos da maconha - THC, THCA, CBD e CBN.** 2014. Disponível em: <http://boaconha.com/index.php/318-os-produtos-quimicos-da-maconha-thc-thca-cbd-e-cbn.html>. Acesso: dez. 2022.

BURGIERMAN, D. R. A verdade sobre a maconha. **Superinteressante**, São Paulo, e. 179, p. 32- 40, ago., 2002.

CARNEIRO, Henrique. Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: CARNEIRO, Henrique; VENANCIO, Renato Pinto (org.). **Alcool e drogas na história do Brasil.** São Paulo: Alameda, 2005.

DÓRIA, José Rodrigues da Costa. **Os fumadores de maconha:** efeitos e males do vício In: BRASIL. Ministério da Saúde. Serviço Nacional de Educação Sanitária. **Maconha: coletânea de trabalhos brasileiros.** Rio de Janeiro- RJ: SERVIÇO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SANITARIA, 2 Ed., 1986.

FELIX, A. G. Da S. **A Marcha Da Maconha Na Cidade De Campos Dos Goytacazes-RJ:** Participação Política, Ativismo e Espaço Público. Campos dos Goytacazes, 2021. 26 f.: il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) -Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2021.

FERREIRA, Alinne B. Jornalismo Factual: Uma Análise Da Cobertura Jornalística Do G1 No Caso Lázaro Barbosa, O Assassino Em Série De DF. **RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar o Saber.** São Paulo, v. 2, n. 1, jan-jun. 2022 DOI: 10.51473/rcmos.v2i1.307.

FOGAÇA, Jeniffer Rocha. **THC – Principal componente ativo da maconha.** 2016. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/quimica/thcprincipal-componente-ativo-maconha.htm>. Acesso: dez. 2022.

FRANCO, M. L. P. B. & Varlotta, Y. M. C. L. (2004). As representações sociais de professores do ensino médio. **Estudos em Avaliação Educacional**, 15 (30). Recuperado <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/ae/arquivos/1013/1013.pdf> Acesso: dez. 2022.

GOMES, R. S. **A Maconha No Discurso Midiático:** Uma Análise De Discurso Em Notícias Do G1 E Do Jornal Estado De Minas. Trabalho de Conclusão de Curso bacharel em Jornalismo. Centro Universitário Internacional UNINTER. Três Pontas. 2021

HAGENBUCH, B. Os pioneiros. **Revista Superinteressante**, 2014.

JORNAL NACIONAL, UFRN será a 1ª instituição de ensino no Brasil a realizar pesquisas científicas com derivados de cannabis. **G1.** Dez, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/12/19/ufn-sera-a-1a-instituicao-de-ensino-no-brasil-a-realizar-pesquisas-cientificas-com-derivados-de-cannabis.ghtml>. Acesso: dez, 2022.

MARQUES, Gabriel Faria. **O Direito À Isonomia E A Descriminalização Do Cultivo Da Cannabis Para Fins Medicinais:** Análise Do Papel Do Poder Judiciário A Partir Da Atuação Do Trf-1/Gabriel Faria Marques. – Inhumas: Fa-cMais, 2021. 74 f.: il.

MORAES, Paula Louredo. **“Maconha”.** *Brasil Escola.* 2016. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/drogas/maconha.htm>. Acesso em dez. 2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Colorado já vende maconha para uso recreativo.** 2014. Disponível: <http://www.estado.com.br/noticias/internacional,colorado-ja-vende-maconha-para-uso-recreativo,1114282,0.htm>. Acesso: dez. 2022.

PAULINO, Debora. A cobertura jornalística da canábis em Portugal e na Letônia: uma análise comparativa a partir da imprensa de referência. **Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.** Mestrado, Comunicação e Media. Leiria, setembro de 2021.

PEREIRA, L. O cânhamo ou diamba e seu poder intoxicante. In: BRASIL. Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes. **Maconha:** coletânea de trabalhos brasileiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1986. p. 45-65.

ROBINSON, R. **O Grande livro da cannabis:** o guia completo de seu uso industrial, medicinal e ambiental. Rio de Janeiro: J. Zahar. 1999.

RODRIGUES, Ana Paula Lopes da Silva; Ivonete da Silva Lopes; Victor Luiz Alves Mourão. Ninguém está falando em liberação da droga”: ressignificação da maconha nos programas matinais das redes Globo e Record. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, e16910212344, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12344>.

SALO, de Carvalho. **A política criminal de drogas no Brasil:** estudo criminológico e dogmático da Lei 11.343/06 [Recurso eletrônico]. 7. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2016.